

Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO
DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ADMINISTRADOR e DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA
DELEGAÇÃO EM OLHÃO — RUA DE S. PEDRO, 17

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

OLHÃO vive a glória dum seu filho



Desper-tou grande interesse a entrevista feita pelo nosso redactor Carlos Manuel Macheira a o grande historiad-

dor e escritor sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, laureado recentemente pela apresentação do seu livro «A figura e a obra do Infante D. Henrique».

A entrevista, que publicamos no nosso último número, veio esclarecer o melhor possível o que há quanto à criação da obra premiada; do seu conteúdo temos acrescentado, depois do que já dissemos, que o ilustre escritor trabalhou incansavelmente para trazer ao conhecimento do mundo a verdadeira glória do Infante D. Henrique.

Escreve o jornal «Correio do Sul»: «Sabemos que o Algarve não vai ficar indiferente ao notável acontecimento e que o sr. dr. Fernandes Lopes vai receber dele a homenagem a que tem jus».

E' de natural afeição a lembrança desta notícia e à qual nós também nos ligamos e por que se trata dum trabalho de tão grande relevo e expansão internacional não pode deixar ao país de prestar preito ao homem que lutou pela verídica recomposição da época dos descobrimentos.

J. M.

EM SETEMBRO PORTUGAL EXPORTOU MAIS DE 6.797 TONELADAS DE CONSERVAS DE PEIXE

Durante o mês de Setembro, Portugal exportou mais de 6.797 toneladas de conservas de peixe.

A espécie mais exportada foi a da sardinha, com 5.676 toneladas. Seguiu-se a do atum, com 311 toneladas, e a das anchovas, com 275.

MELHORAMENTOS EM LAGOS

Realizou-se no passado dia 9, o concurso público para adjudicação da 2.ª fase da obra no porto de Lagos, visando a construção do dique leste e obras de embocadura.

Foram admitidas ao concurso duas propostas que vão ser apreciadas pelas entidades competentes.

Vila Real de Santo António

POUCO se tem escrito sobre uma das mais jovens vilas desta província algarvia: Vila Real de Santo António.

A sua posição geográfica, junta à foz de um dos três maiores rios portugueses, o Rio Guadiana, é de longe superior à que disfruta a fronteira cidade espanhola, e andaluza, de Ayamonte, situada mais ao norte.

Quem vem, pela primeira vez, a Vila Real de Santo António fica de todo surpreendido com a simetria das suas ruas, largas e arejadas, limpas e bem calçadas. A maioria dos seus prédios, mesmo nas ruas centrais, são de um só piso. No entanto, a Praça Marquês de Pombal, por todos conhecida como a «Sala de Visitas» da terra, a avenida marginal, denominada Avenida da República, têm quase só prédios de um an-

dar e mais. Eles mantêm o «estilo pombalino», com janelas de água-furtada encimando tais prédios.

Outra rua bonita, e pouco vista em terras portuguesas, com seu piso de mosaicos, com motivos algarvios às indústrias locais: pesca e conservas, é a Rua Teófilo Braga, mais conhecida pela «Avenida». E nela

Romagem Algarvia EM SAGRES

No passado domingo encerrou-se em Sagres as comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique.

A Delegação do Algarve para efeito dessas comemorações soube assinalar eficazmente, no seu programa, a Romagem, que constituiu um êxito absoluto.

Compareceram muitas centenas de pessoas de todas as classes sociais.

NA FUSETA FOI INAUGURADO O NOVO EDIFÍCIO DA LOTA

No domingo passado, dia 13 do corrente, foi inaugurada na Fusetta, a lota para venda de peixe, obra importada em 400.000\$00 e mandada construir pela Junta Central das Casas dos Pescadores.

Para esse efeito, deslocaram-se àquela povoação, diversas entidades oficiais que aguardavam à entrada daquela localidade, os senhores Comodores Ilídio de Oliveira Barbosa, em nome da Junta Central e Valente de Araújo, em representação do sr. Comodoro Henrique Tenreiro. À sua chegada foram cumprimentados pelos senhores Comandantes Carlos Pacheco Pinto, 1.º Tenente José Brás, dr. Matos Parreira e outras individualidades, além de muito povo, quase todo composto por pescadores.

No percurso para o edifício da lota, os visitantes foram acompanhados por todas as individualidades, seguidos da fanfara dos alunos da fragata D. Fernando, que propositadamente vieram ao Algarve, e por uma banda de música. Numa das ruas do percurso, os pescadores, para manifestar o seu contentamento, formaram

uma ala com remos, por onde os senhores visitantes e as restantes entidades passaram. À entrada da lota, foi cortada uma fita simbólica pelo sr. Comodoro Valente de Araújo, acto que foi muito aplaudido pela multidão. Já dentro do edifício, usou da palavra o sr. delegado marítimo da Fusetta, 1.º tenente José Brás, manifestando o seu contentamento pela obra acabada de inaugurar. Agradeceu o sr. Comodoro Valente de Araújo.

Dentro do edifício da lota foram inauguradas também as novas

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

Recital de Poesia

Ainda no âmbito do ano das Comemorações Henriquinas, a Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique efectuou, em 17 do corrente, no Teatro S. João, do Porto, um grandioso recital de poesia, pelos já famosos «Jograís de S. Paulo».



Cobertas as casas brancas de Olhão por eirados ou açoteias, a perspectiva oferece este aspecto geométrico, verdadeira composição cubista

A Conferência do Jornalista

DR. J. MIMOSO BARRETO

no Círculo Cultural de Tavira

CONFORME anunciamos, o nosso comprouviciano e distinto jornalista dr. J. Mimoso Barreto, realizou a sua anunciada conferência sob o tema: «Pré-história do Descobrimento do Caminho para a Índia», no passado dia 14, na Biblioteca da Câmara Municipal daquela cidade, a convite do Presidente da edilidade tavricense, sr. dr. Jorge Correia e do Círculo Cultural da referida cidade algarvia.

Dada a categoria do con-

ferencista e do tema que ia ser tratado, a sala da Biblioteca Municipal encheu-se por completo.

Coube ao sr. dr. Joaquim Magalhães, professor do Liceu Nacional de Faro e director do Círculo Cultural do Algarve, o encargo de apresentar o sr. dr. Mimoso Barreto, que começou por lembrar os tempos em que o conferencista daquela noite, sendo ainda aluno do Liceu de Faro, já se dedicava a actividades culturais. Assim, salientou que dirigia o jornal do Liceu «Ressurgimento» e que fez uma palestra sobre os Descobrimentos, além de ter proferido o discurso de despedida dos septimanistas do seu curso, numa festa efectuada no Cine-Teatro Farense. Frisou, ainda, que foi o dr. Mimoso Barreto quem a Academia escolheu para, em seu nome, falar no funeral do reitor Monteiro Simões.

Depois elogiou os trabalhos que o dr. Mimoso Barreto tem

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

CHAMINÉ ALGARVIA

Um bonito cartaz da província do Algarve: — a chaminé algarvia!

É na nossa província que as chaminés possuem «personalidade». E fama, também. Como as mais bonitas e bem trabalhadas de Portugal.

Chaminés algarvias: cartaz turístico que se pode e deve aproveitar para ajudar na propaganda da «mais longa cidade do Mundo», que é o Algarve.



III ROMAGEM DE SAUDADE dos Antigos Alunos DO LICEU DE FARO

ESTÁ despertando o mais vivo interesse entre os antigos alunos e professores do Liceu de Faro, a III Romagem de Saudade que vai realizar-se no próximo dia 1.º de Dezembro àquele estabelecimento de ensino.

Pelas comissões de Lisboa e Faro já foi elaborado o respectivo programa, que deverá constar de alvorada, com música; missa por alma dos professores e alunos falecidos; almoço de confraternização e, à noite, sessão solene no Liceu de Faro.

Dada a necessidade de se conhecer, quanto antes, o número aproximado deromeiros, as Comissões agradecem toda a urgência

nas respectivas inscrições, as quais terminarão impreterivelmente em 25 do corrente.

O preço das inscrições é de 100\$00, incluindo todas

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)



FARO — Hospital e Arco da Vila

Manuel Rodrigues 'Alvares

Completamente restabelecido da intervenção cirúrgica a que foi submetido, há tempos, em Lisboa, já se encontra em Vila Real de Santo António o nosso muito querido amigo sr. Manuel Rodrigues Alvares.

423.767 CONTOS

Rendeu a cortiça em bruto exportada por Portugal de Janeiro a Julho

De Janeiro a Julho deste ano, Portugal exportou 83.337 toneladas de cortiça em bruto, que renderam 423.767 contos.

Os Estados Unidos situam-se à cabeça dos compradores com 20.047 toneladas, no valor de 69.434 contos.

TEMAS DE PESCA (6)

UM LAGOSTEIRO CONGELADOR

EM meados do passado ano, o «Françoise Christine» regressava a Camaret, seu porto de armamento, trazendo a bordo 18 toneladas de caudas de lagosta. Este facto marcou uma data digna de ser festejada pelos pescadores franceses e pelos industriais de frio daquele país, por representar um assinalado êxito de carácter técnico.

O «Françoise Christine» foi o primeiro lagosteiro congelador

do mundo a efectuar o acondicionamento de caudas de lagosta no vácuo. Lançado à água, em Camaret, em Fevereiro de 1959, seguiu depois das experiências para as costas da Mauritània, onde efectuou uma proveitosa campanha ao largo de Port-Etienne.

A congelação e principalmente o acondicionamento em sacos apropriados de plástico «Rilsan», exigem uma tripulação que conhe-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

MÁXIMAS ANEDOTAS

de Bernardo Shaw

A obediência simula a subordinação exactamente como o medo da policia simula a honestidade.

O vicio é o esbanjamento da vida. A pobreza, a obediência e o celibato são vicios canónicos.

Um homem moderadamente honesto; com uma mulher moderadamente fiel; ambos bebedores moderados; numa casa moderadamente sã; eis o verdadeiro tipo da classe burguesa.

A juventude não perdoa nada e nós perdoamos-lhe tudo; a velhice perdoa tudo e ninguém lhe perdoa nada.

— O meu filho tem um emprego muito absorvente.
— Sim? Que faz, então?
— Papel mata-borrão.

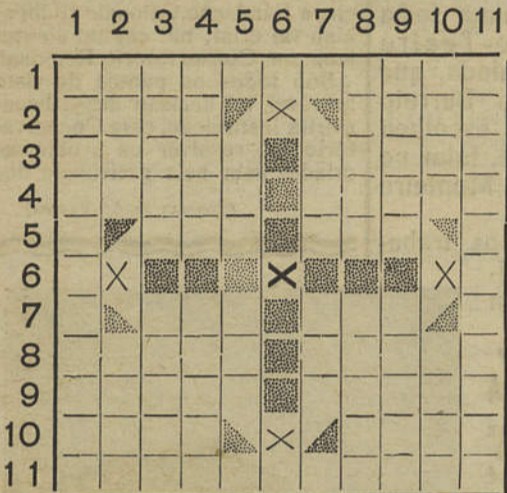
Junto a um «guichet» dos correios:
— Irral! Há dez minutos que estou diante deste postigo.
— E eu, meu caro senhor, há dez anos que estou por detrás.

Lógica inflexível
— Ora diz-me, quando te caiu o relógio ao chão, parou?
— Claro. Pois tu querias que ele se pusesse a andar?

Depois de uma apresentação
— O senhor, por acaso, é filho do juiz Tavares?
— Sou filho dele, diz o outro irritado, mas não por acaso.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 10



HORIZONTAIS:
1— Que tem pele mole. 2— Acolá; entes queridos. 3— meninos; desafiam. 4— Marcai a data; iluminada. 5— interjeição; pelos de certos animais. 7— Bigorna de ourives; vazia. 8— Um dos pontos cardiais; arremessa. 9— Repercutir; queimam. 10— Trovejar; seguimento de causas. 11— Enfraquecermos.

VERTICAIS:
1— Mandarin de categoria inferior. 2— Despacho; vazios. 3— vagaroso; ribombam.

4— Plantio de amieiros; liara. 5— Fecha (as asas) para descer mais depressa; compreender. 7— Casa; planta oxalídea. 8— Suprima; costurar. 9— Armadilhas; desta maneira. 10— Os gatos...; ave palmpede. 11— Calcaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS: 1— Navegantes 2— Agalanaria. 5— Tirado; avi. 4— Útero; atar. 5— Rata; clara. 6— Arame; ar 7— há, magala. 8— lce; amei. 9— Demorar; 10— Adónis; ato. 11— Diletantes. 12— Ela; os; asa.

VERTICAIS: 1— Naturalidade. 2— Agitara; edil. 5— Vareta; imola. 4— Elaram; cone. 5— Gado; emérito. 6— Ano; asas. 7— Na; alagar. 8— Trataram; ata. 9— Eivar; leites. 10— Saira; airosa.

AGENDA

TRINEIRAS
MOVIMENTO DA LOTA
de Vila Real de Santo António
de 11 a 17 de Novembro

Marili	75.280\$00
Infante	74.920\$00
Brisa	64.200\$00
Pérola do Guadiana	63.240\$00
Norte	62.940\$00
Júnia	60.780\$00
Liberta	60.770\$00
Leste	60.370\$00
Suestada	60.250\$00
Temporal	59.600\$00
Audaz	59.690\$00
Triunfante	56.230\$00
Maia Rosa	54.110\$00
Tufão	49.290\$00
Agadão	48.590\$00
Fior do Guadiana	44.840\$00
Conceição	40.050\$00
Vulcão	29.920\$00
Flor do Sul	22.830\$00
Refega	16.630\$00
Costa Azul	7.490\$00
Restauração	5.630\$00
Nova Sr.ª da Piedade	5.110\$00
Clarinha	4.670\$00
Salvadora	3.880\$00
Mirita	3.130\$00
Praia Amélia	3.020\$00
Cruzeiro do Sul	2.450\$00
Olimpia Sérgio	2.440\$00
Fernando Carlos	2.380\$00
Trio	2.280\$00
Maria Benedito	1.680\$00
Oeste	420\$00
Total	1.109.150\$00

Peixe diverso apanhado por várias embarcações . . . 45 915\$00
Total . . . 1.155.065\$00

DE JANEIRO A JÚLIO FORAM EXPORTADAS 39.543 TONELADAS DE APARAS DE CORTIÇA VALOR: 134.461 CONTOS

De Janeiro a Julho deste ano, Portugal exportou 39.543 toneladas de aparas de cortiça, no valor de 134.461 contos.

Os principais clientes de Portugal foram os seguintes países, por ordem de valores adquiridos: Estados Unidos, República Federal da Alemanha, Reino Unido, México, Japão, Austrália, Rússia, Suíça, Polónia, Dinamarca, França, Checoslováquia, Grécia, Roménia, Finlândia e Austria.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

ESTABELECIMENTO COMERCIAL MISTO

Com dois alvarás trespassa-se ou vende-se toda a existência, num bom local deste concelho, com grande clientela, por motivos à vista.

Nesta redacção se informa para ser tratado com o próprio.

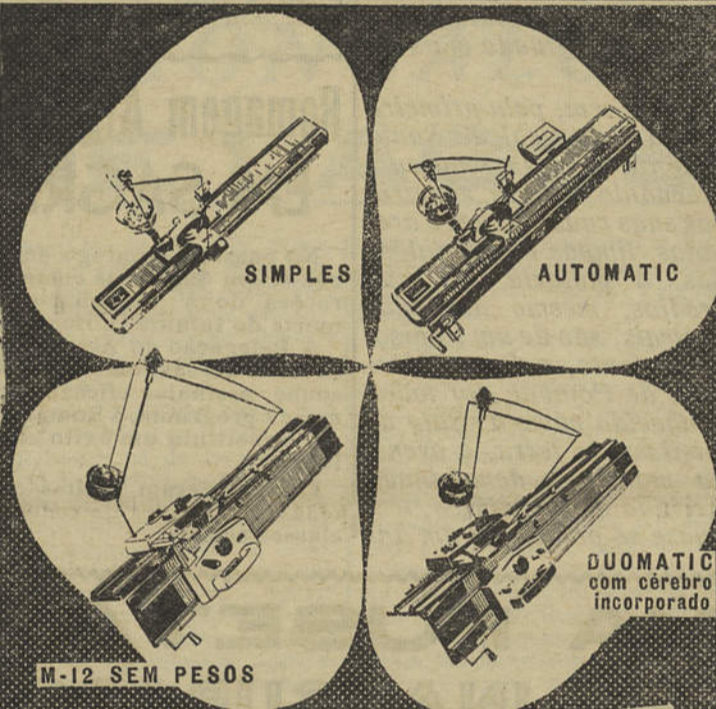
Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês



Lãs Lanificios Sedas
Algodões Malhas Interiores e Exteriores
Meias Peugas e Camisaria

AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

A MÁQUINA DE TRICOTAR PASSAP APRESENTA A INCOMPARÁVEL LINHA 1961



AS MAIS COMPLETAS — AS MAIS SIMPLES
GARANTIDAS PELA ALTA PRECISÃO SUÍÇA
EVITE ARREPENDIMENTOS — ANTES DE SE DECIDIR
VEJA UMA DEMONSTRAÇÃO DA PASSAP
VENDAS ATÉ 36 MESES DE PRAZO

Representantes: ESTABELECIMENTOS CANCELA
Lisboa — Avenida de Roma, 16
Calc. do Combro, 23-25
Porto — Rua Sá da Bandeira, 659

Agente em Vila Real de Santo António:
José Dominguez Vieira Velasco

FOTOGRAFIA CAMPINA

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // OLHÃO // Telefone 255

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

CONTA GOTAS

(Conclusão da 1.ª página)

de chapéu de coco, bengalinho e tudo...

Poucas vezes se terão os homens desta época, visto tão bem retratados. A máquina, que criámos, devorava-nos...

Que fazer? Lutar contra a máquina?

Mas lutar contra a máquina é lutar contra os moinhos de vento cuidando que são gigantes. Não nos defendemos da máquina expulsando-a. Seria essa uma outra maneira de sermos devorados. Não. A máquina que há urgência em dominar é a máquina social. Essa comanda todas as máquinas.

E é ela, e não outra, que devora o pobre do Charlot. E a nós todos.

Instante

O poeta morreu. A essa mesma hora, uma nuvem ia no céu à desfilada, aterrorizada de se ver sem cavaleiro.

A mania!

Os versos falavam de crianças. Por certo, de crianças bem tratadas, bem alimentadas, bem vestidas. Era um poeta burguês e as suas crianças eram crianças burguesas. Crianças louras, de olhos azuis ou, como dizia ele, de olhos celestiais. «Crianças, homens e mulheres de amanhã...» Tolo! Não sabe que as crianças não são mulheres nem homens de amanhã, não são nada disso. São apenas crianças.

Para o poeta burguês isso não conta. As crianças — darão homens. Sempre a mania do lucro!

Multidão

Penso que um dia estes rostos deixarão de estar fechados. Estes ombros cansados reverdecerão para levantar o mundo. Um dia (ou dentro ou fora do círculo dos meus passos) o caso de Alegria de Beethoven brotará na explosão de todos os cansaços.

Maria Manuela Nunes

III ROMAGEM DE SAUDADE

(Conclusão da 1.ª página)

as despesas com a execução do programa e almoço, devendo as mesmas serem dirigidas para a Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º, em Lisboa; para a Reitoria do Liceu de Faro, ou para o sr. António Simões Neto, rua do Campo Lindo, 257-1.º, no Porto.

Por amável deferência da C. P., todos os inscritos que desejarem utilizar o comboio, beneficiarão, individualmente, mediante a apresentação do cartão de inscrição, da tarifa especial, de excursões tendo os respectivos bilhetes a validade de 8 dias, com partida de 29 a 50 de Novembro e regresso até dia 7 de Dezembro, podendo os mesmos serem adquiridos nas estações de Caminho de Ferro de Viana do Castelo, Braga, Porto, Coimbra, Figueira, Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora e Beja.

VISADO PELA Comissão de Censura

TIPOGRAFIA TIPOCOLOR IMPRESSOS DE TODOS OS GÉNEROS
TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7 OLHÃO

O Fوسفato Thomas ao Serviço da Lavoura

Nos bons como nos maus anos agrícolas o magnífico adubo



evidência sempre aumento de produção corrigindo a acidez das terras e alimentando em fósforo as exigências das plantas

FOSFATO THOMAS

O ADUBO PROPRIO PARA AS TERRAS ÁCIDAS

AN G U L O

PÁGINA DE CINEMA

PUBLICAÇÃO MENSAL
PÁGINA ORIENTADA
por: CARLOS MACHEIRA
Correspondência:
Rua de S. Pedro, 17 — OLHÃO

EDITORIAL

O BOM acolhimento e as palavras carinhosas que nos foram dirigidas por altura da saída do primeiro número desta página produziram em nós o estímulo indispensável para continuarmos o nosso trabalho com maior persistência.

ÂNGULO é actualmente a única página, que se publica na nossa provincia, inteiramente dedicada a assuntos relacionados com a cultura cinematográfica. Tornava-se necessária a sua publicação. A ventilação de determinados aspectos da arte das imagens certamente que orientará o leitor no sentido duma sã educação cinematográfica. E é isso o que pretendemos. ÂNGULO

A PROPÓSITO DA II RETROSPECTIVA DO CINEMA MUDO PORTUGUÊS

APRESENTOU-SE em Olhão, nos dias 2 e 3 do corrente, a II Retrospectiva do Cinema Mudo Português de que fazem parte os filmes «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de George Palln, «Malmequer», de Leitão de Barros e «Os Lobos», de Rino Lupo. Vem, a propósito, traçar um paralelo entre o cinema que se fazia em Portugal há cerca de 40 anos e o que actualmente se produz. Para além do aperfeiçoamento técnico que o cinema sofreu naquele período — o sonoro, a cor e os ecrãs mais ou menos gigantes — há diferenças marcantes que é justo apontar. Queremos referir-nos à preocupação em extrair da realidade o tema e os personagens dos filmes. «Os Lobos», «Nazaré, Praia de Pescadores» e «Maria do Mar», estes dois últimos pertencentes à I Retrospectiva, são bem as expressões dum cinema intencionalmente verista. Esses caminhos trilhados, e que tão prometedores horizontes anunciavam, não encontramos na

actual produção. Enveredou-se pelo fado, pela piada de revista, por homens do dia e, na contemplação de luzes que dizem vir do alto, ignorou-se a realidade nacional. Um cinema válido tem de ser, acima de tudo, verdadeiro e consciente dos problemas do seu tempo. Talvez, ter-se-ia falado jamais do cinema italiano, enveredado na corrente neo-realista, se não fosse um documento autêntico da realidade em Itália. O após-guerra e os tempos que se lhe seguiram deram-nos grandes obras que ocupam lugar de honra na História do Cinema, como «Ladrões de Bicicletas», «Pão Nosso de Cada Dia» e «Dez Réis de Esperança».

O nosso cinema precisa de falar verdade para podermos acreditar nele. Queremos sentir, ao vê-lo, a realidade nacional através das alegrias e tristezas do Homem Português — sofrendo, amando, sonhando.

C. M.

ACTIVIDADES DOS CINE-CLUBES ALGARVIOS

C. C. de Faro. Amanhã apresentará aos seus associados o filme realizado por Alexander MacKendrick «Mentira Maldita».

Para o próximo mês estão anunciados os seguintes filmes: dia 5 «O Homem Tranquilo» e dia 26 «O Homem do Braço de Ouro».

C. C. Olhanense: No dia 28 do corrente exhibirá o filme «A Intrusa», conforme programa que publicamos.

C. C. de Portimão: A sua próxima sessão recomendada realiza-se no dia 20 de Dezembro com o filme de Georges Franju «Os Muros do Desespero» e a sua sessão ordinária no dia 23 do mesmo mês com o filme «Bellissima», de Luchino Visconti.

C. C. de Vila Real de Santo António: Aguardamos programa.

CINEMA DE AMADORES EM FARO

“FORA-ME PROMETIDA PARA AQUELA TARDE UMA ENTREVISTA”

APRESSEI o passo fugindo à chuva que caía. Para nós, este Verão de S. Martinho estava sendo demasiado molhado. Os passeantes da Rua de Santo António — habituais daquela hora — tinham desaparecido, procura-

VERÍSSIMO NINGUÊNS

rando refúgio nas variadas casas de comércio e espreitavam para fora, de pescoço esticado, comentando aquele tempo horrível. Entretanto, mais um passo dado e chegara a porto de salvamento. — Ufa, esta chuva!... Rápido, subi os dois lanços da

LO está aberta a todos aqueles que desejem colaborar para que, numa união de esforços, vejamos concretizada e cumprida a nossa missão.

ÂNGULO

escada — ouvindo o tinir da campainha que, quase sempre, anuncia os visitantes — e eis-me na salinha de espera. Ai, já um pequeno grupo estava em animada conversa. A grande maioria, jovens. Todos eles, jovens de espírito.

Feitos os cumprimentos e algumas apresentações, eis que depressa me sinto integrado no grupo a que acabava de chegar.

Fora-me prometida, para aque-

la tarde, uma entrevista. Os entrevistados, o sr. dr. Emilio Campos Coroa e o sr. Matos Cartucho, entusiastas do cinema de amadores, tinham reunido, ali, na casa deste último, para efectuar umas últimas filmagens. Elas seriam para mostrar, depois, já no écran, os diversos personagens na sua verdadeira personalidade, durante a apresentação do filme sobre o Infante D. Henrique, fil-

(Conclui no próximo número)

“PRÊMIO ABC”

Concurso anual de crítica e ensaio do ABC Cine-Clube de Lisboa

A DIRECÇÃO do ABC-Cine Clube de Lisboa, no desejo de corresponder às exigências resultantes da influência cultural que sobre diversos núcleos tem vindo a desenvolver o Movimento Cine-Clubista, resolveu este ano alargar aos sócios de todos os Cine-Clubes Portugueses o seu concurso anual de crítica e ensaio, denominado PRÊMIO ABC.

Ninguém poderá, honestamente, negar o papel que, não obstante todas as dificuldades que entravam a sua acção, têm os Cine-Clubes desempenhado em prol de uma verdadeira cultura cinematográfica. São os Cine-Clubes, mais que ninguém, os directamente interessados em fazer urgentemente tal demonstração. E' na certeza de que as largas dezenas de sócios dos Cine-Clubes, que constituem o núcleo de pessoas vivamente votadas ao estudo do fenómeno filmico, não deixarão de corresponder a este apelo de vitalida-

de, que o ABC Cine-Clube de Lisboa se abalança a um empreendimento desta natureza, verdadeiro concurso que assume características nacionais.

Regulamento do Prémio ABC - 1960

I — Concorrentes

Poderão concorrer todos os sócios e dirigentes dos Cine-Clubes Portugueses e todos aqueles que se interessarem pelos problemas cinematográficos, com excepção de:

- Os Corpos Gerentes do ABC Cine-Clube de Lisboa;
- Os Membros do Júri.

II — Natureza dos Trabalhos

- 1.º — Ensaio sobre Cine-

(Conclui na 4.ª página)

O CINE-CLUBE OLHANENSE RESPONDE AO NOSSO INQUÉRITO (2)

— Daqui fazemos um apelo a todos os Olhanenses, amigos de Cinema, que queiram colaborar e auxiliar o Cine-Clube da sua terra; nós precisamos deles, queremos contar com eles! — Diz-nos a Direcção do Cine-Clube Olhanense

Reacção da massa associativa perante as actividades do Cine-Clube.

A nossa massa associativa reage, como reagem todas as massas heterogéneas e incipientes, no despotar de um determinado interesse cultural: bem, se se concretizou imediatamente aquilo que aguardava; mal, se acha que foi ludibriada na sua visionária expectativa. E' particularidade das gentes exigirem o máximo rendimento no mínimo dispêndio de energias e, neste caso, o máximo proveito com o mínimo dispêndio material, mentalizadas que estão neste sentido, e que se pode, com propriedade, generalizar com a mesma expressão.

Quantas sessões organiza por mês? Quais os obstáculos que se opõem à realização de mais? (Empresários, distribuidores, etc.)

Organizamos uma sessão de Cinema (35 m/m) por mês. Pensamos no número dois, porém, sendo o número de associados ainda in-

O NOSSO “ECRAN”

“ANATOMIA DE UM CRIME” MUITA PARRA E POUCA UVA

Realização e Produção: Otto Preminger; argumento: Wendell Mayes do «best seller» de Robert Traver; fotografia Sam Leavitt; Música: Duke Ellington; interpretação: James Stewart, Lee Remick, Ben Gazzara, Arthur O'Connell, Eve Arden, Kathryn Grant; Distribuição: Columbia Filmes de Portugal, S. A. R. L.

Os problemas da justiça ou injustiça dos tribunais americanos têm vindo, nos últimos tempos, a fornecer farto

CANDEIAS NUNES

contingente de temas ao cinema que a América agora produz, mais em qualidade que em quantidade. Não podemos deixar de reconhecer quanto o tema é ali-

ciante, e como pela análise de estrutura jurídica se pode fazer o estudo atento de um povo, das suas instituições directivas, das fórmulas políticas que o regem.

Fomos ver «Anatomia de um Crime», de Otto Preminger, convencidos de que se tratava de uma achega valiosa à definição do problema, mas para já é preciso pôr bem claro que o realizador austriaco mandou os problemas às urtigas e que o seu filme não passa de produto de um artesanato laborioso e perfeito, na mais pura tradição do seu compadre e colega Hitchcock. Se, ao fim e ao cabo, o filme é susceptível de produzir certa efervescência, o facto deve-se a que o espectador leva já para o cinema ideias que são suas, e que o senhor Otto não consegue, apesar de tudo, perverter. Falta a Preminger, para sair do círculo vicioso em que se encontra, essa grande dose de calor humano sem a qual toda a arte seca nas raízes; falta ao seu filme uma personagem lúcida e sincera — como o arquitecto Davis de «Doze homens em fúria», de Lumet — capaz de denunciar a farsa e restituir ao homem a sua viril e trágica dignidade. Como observou o crítico Batista Bastos, a propósito de um outro filme deste realizador, «O homem do braço de ouro», a coragem de Preminger assenta num grande «bluff» e é muito mais aparente do que concreta. No caso presente, se coragem houvesse, estaria na machadada valente no já moribundo Código

Hayes, permitindo que, em plen-Tribunal, os debates girem à volta de umas cuecas de nylon que, afinal, são apresentadas ao júri como a prova que há-de conduzir o marido ultrajado à absolvição pelo crime de morte do violador da sua própria esposa!

Ficamos sem saber o que é que Preminger nos tem para dizer: se aos advogados não interessa grandemente que se faça ou não justiça e a decisão do júri somente lhes importa na medida em que

(Conclui na 4.ª página)



Lee Remick em «Anatomia de um Crime»

CINE-CLUBE OLHANENSE

41.ª SESSÃO

A INTRUSA

Titulo original: LA SPIAGGIA

Realização: Alberto Lattuada; argumento: Alberto Lattuada, Luigi Mulè, Rodolfo Sonego; fotografia em Ferrinacolor: Mário Craveri; música: Pietro Morgan; cenografia: Dario Cecchi; interpretação: Martine Carol, Raf Vallone, Mario Carotenuto, Clelia Matania, Valeria Moricone, Carlo Ramano, Carlo Bianco, etc.; pro-

dução: Titanus, 1953/54; distribuição: Sonoro Filme, Lda.

Classificação: Para maiores de 17 anos

Breve referência a Lattuada

UM dos maiores realizadores italianos é certamente Alberto Lattuada. Ex-arquitecto e argumentista, começou a sua carreira de realizador em 1942 com o filme «Giacomo l'idealista» e daí em diante tem desenvolvido uma actividade considerável. A sua filmografia, onde Ana surge como a única nódoa negra, consta de: 1943, «La Freccia nel Fianco»; 1946, «O Bandido»; 1947, «Il Delitto di Giovanni Episcopo»; 1948, «Sem Piedade e O Moinho do Rio Pó»; 1950, «Luci del Varietà»; 1951, «Ana e O Capote» (este último já exibido pelo nosso cine clube); 1953, «La Lupa»; 1954, «A Intrusa»; 1956, «Escola Primária».

Artista absolutamente consciencioso, Lattuada é mestre na análise dos caracteres e ambientes, na condução dos actores e sabe dar aos seus filmes um equilíbrio geral harmonioso que os torna lógicos e agradáveis.

«A Intrusa», o filme de hoje, conta-nos o seguinte: Em Pontorno, elegante praia italiana em que se reúnem famílias consideradas distintas, aparece uma mulher que ninguém conhece e que vai hospedar-se no melhor hotel por não encontrar lugar noutros mais mo-

(Conclui na 4.ª página)

REABERTURA

DO CINE-FOZ

DE VILA REAL DE S. ANTÓNIO

Reabre hoje, após alguns meses de encerramento por motivo de obras, o CINE-FOZ, de Vila Real de Santo António, com o filme «A Maior Aventura de Tarzan».

Na próxima terça-feira, será exibido o filme «Cantiflas no Circo», com o inconfundível Cantiflas.

(Continua na 4.ª página)



Imagem de «Os Lobos» que faz parte da II Retrospectiva do Cinema Português — (foto - Revista Filme)

Cine-Clube Olhanense MUITA PARRA E POUCA UVA

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

destos. Faz-se acompanhar da filha para quem parece viver infortunadamente.

A sua conduta irrepreensível contrasta com as atitudes indecentes das outras senhoras e torna-a credora da simpatia do presidente da câmara, um rapaz de ideias elevadas, e de Chiastriño, um homem imensamente rico que todos cortejam mas que ninguém consegue abordar.

Um dia, entretanto, descobre-se que Annamaria, essa mulher, é uma prostituta com registo na polícia de Milão que fora para Pontorno para a filha mudar de ares. Logo todas aquelas mulheres que passam a vida a enganar os maridos e todos aqueles homens que se dedicam a negócios pouco honestos, enfim, toda aquela sociedade rendida ao dinheiro lhe volta as costas; só o jovem presidente não lhe retira a sua amizade e procura ajudá-la. Então, Chiastriño oferece-lhe o braço e atravessa com ela a avenida principal à hora de maior afluência. A sociedade, acto contínuo, curva a cabeça à corteza à quem, ainda há pouco, repudiava.

Das intenções de Alberto Lattuada com este filme — crítica quer pelo sarcasmo quer pela acusação violenta à alta burguesia — pouco há a dizer por agora, já porque a isso se fará referência na palestra, já porque do resumo do argumento do filme que acima foi feito todos nós compreendemos quais são. Em muito poucos filmes, na verdade, ressaltam tão claramente o que se pretende dizer e qual a lição a extrair, como em *A Intrusa*. Deixemos pois a análise em pormenor, das intenções de Lattuada para o lugar próprio, a palestra, e fixemos a nossa atenção noutros pontos. Estes, bem poucos aliás, são os que vão parecer à primeira vista de mais difícil compreensão. Enumeremo-los:

- 1) A figura de Chiastriño;
- 2) O desfecho da história.

Analisemo-los agora:

1) O milionário Chiastriño aparece na maior parte do filme como um personagem enigmático. É rico, muito rico mesmo, mas não liga alguma importância àquela gente que o adula, ou melhor, que adula o seu dinheiro como ele muito bem sabe, embora se trate de sua gente, isto é, pessoas de sua própria classe. Limita-se a estudá-las de longe (muitas vezes com auxílio de um binóculo) recusando qualquer forma de contacto. Abre excepção para um pequeno mendigo com quem conversa mas a quem não faz favores. Vive isolado, em suma, sem amigos e, aparentemente, sem necessidade de os ter. A sua cruza é quase revoltante, por exemplo: na sequência da distribuição do prémio das construções na areia ele atribuí-la à filha de Annamaria (que fez um castelo muito simples) e não ao pequeno, cujo trabalho era muito melhor, e dirá justificando-se: «É preciso acostumar as crianças à injustiça». Como se explica, portanto, a sua atitude final? O ter salvo Annamaria? Ela seria, naturalmente, a última pessoa que Chiastriño ajudaria dado que nele não existia um interesse de homem para mulher.

Simplemente por isto: Chiastriño despreza aquela sociedade, a própria sociedade, o meio a que logicamente pertence. E porquê? Porque ele sabe que toda aquela malta é indolente, lasciva, folgazã, incompetente e inconsciente, isto é, totalmente diferente dele. Ele sabe que trabalhou arduamente (de qualquer maneira) para conseguir o seu dinheiro. É diligente, comedido, reservado e está absolutamente consciente da sua superioridade sobre esses inúteis. Sabe também, e isto é o mais importante, que a sua classe periclitava já, e, portanto, o seu futuro — o futuro da classe — está irremediavelmente perdido nas mãos daqueles indivíduos decadentes. A sua simpatia vai, portanto, para o pobre rapazito que pede, mas que já sabe também negociar. Admira-o e, por outro lado, educa-o à sua maneira. Vê-se retratado nele e vê nele a sua perpetuação.

DESPEDIDA

Partiu para Angola no passado dia 18 do corrente, a bordo do paquete «Niassa», o nosso estimado assinante sr. António T. de Moraes que regressa a Vila Robert Williams.

Em face de nos últimos dias, que destinava para abraçar os seus sinceros amigos, ter surgido a necessidade de uma retirada inesperada, vem através do nosso jornal apresentar os seus respeitosos cumprimentos e abraçar as pessoas da sua estima.

Não nos admiramos agora, e por consequência, que Chiostriño dando a braço a Annamaria tenha condensado e exteriorizado nesse gesto todo o desprezo e repulsa que aquele bando que vive para prazer, lhe merece. Annamaria não lhe interessa, quer como mulher, quer como ser humano em dificuldades. Serve-se dela como instrumento de supremo insulto.

O egoísmo e o frio calculismo são, em Chiastriño, o retrato admirável de um milionário.

2) Poder-se-á objectar que o desfecho é ilógico e quase gratuito. Ilógico não é, como ficou provado, e muito menos gratuito. A vitória de Annamaria sobre a sociedade é frágil, evidentemente. Aqui, neste filme, não se tratou, porém, do problema da prostituição e, nesse caso, é que seria gratuito, (já não se fala de não haver Chiastriños para todas as Annamarias do mundo). Chiastriño, por outro lado, não é excepção, como ficou também provado. Portanto teremos forçosamente de concluir que o desfecho (que não pretendeu dar solução a caso nenhum) se limita simplesmente a constatar um facto: o dinheiro coloca os indivíduos acima de todas as convenções sociais.

(in programa Cine-Clube de Espinho)

CASAMENTO

Realizou-se no passado dia 30 do mês findo, o enlace matrimonial do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Armando Ramos Martins com a sr.ª D. Maria Paula Martins Marcelino e Martins.

O acto, que decorreu na Igreja de Moncarapacho, sendo celebrante o Reverendo Padre Isidoro Domingos da Silva, foi apadrinhado, por parte da noiva, pelo sr. Juveniano Flávio da Cunha Cruz, capitão da Marinha Mercante e sr.ª D. Eugénia Guerreiro da Silva e, por parte do noivo, pelo sr. José dos Santos Silva e sr.ª D. Isilda Epifânia Nunes Gago.

Aos noivos endereçamos os nossos parabéns e os votos das maiores felicidades.

QUEM PERDEU?

Encontram-se depositados no Posto da P. S. P. desta vila, os seguintes objectos: Um relógio de senhora marca «Wite Star» e um porta moedas, também de senhora, em plástico, contendo dinheiro, os quais serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE
EM TODO O ALGARVE

GASOSA



JAGUAR

A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

MUITA PARRA E POUCA UVA

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

constitui uma vitória pessoal dos indivíduos que manobram os cordelinhos da argumentação; se esse mesmo juri, pacífico e bovino, pende por sistema e lamentavelmente para o lado de quem melhor tanger os bordões da dialéctica; se os juizes de sorriso paternal e cravo na lapela se deixam ir no bote de qualquer advogado espectral que venha com manigâncias de pescarias ou culturas de cogumelos na Patagónia; se os tenentes do Exército americano, embora heróis da Coreia, são capazes de matar taberneiros a sangue frio só porque lhes violam as mulheres que, no fim de contas, nada têm de virtuosas e dão cerveja aos cachorros; se esses mesmos tenentes, em plena guerra, sentem às vezes «impulsos irresistíveis» de mandar a farda à fava e muito mais tarde, talvez por uma incompreensível associação de ideias que só o psiquiatra do Exército seria capaz de descobrir, passam as palhetas ao advogado que os livrou da cadeia; se ainda, enfim, aquilo lá pela América está tão malzinho, assim a modos que a pedir o bidon onde se despeja o lixo, ora vejam lá!

Donde o observador arguto é levado a concluir que as coisas só podem resolver-se com um pulso forte, porque a democracia foi um conto de embalar meninos e só um senadorzinho robusto e cabeludo, empunhando a palmatória do fascismo, é capaz de deter a onda avassaladora da «escroquerie» e pôr a casa em ordem.

Ora, senhor Preminger, nós recusamo-nos a ver a América tal como no-la apresenta. Dizer-nos que por lá só existe porcaria é tão pernicioso mentira como a

imagem que nos apresentavam da América dos telefones cor de rosa. Nem o melhor, nem o pior dos mundos; um país de gente, eis tudo... Um país de homens, talvez mal orientados, é certo, mas onde há muito quem conheça a orientação justa: — o arquitecto Davis, por exemplo, dos já citados «Doze homens...»

Filme ambíguo, escudado num certo brilhantismo formal, suficientemente servido nos aspectos de interpretação, música e fotografia, com uma montagem fluente dando-nos com economia de meios, mais tarde esbanjada nas sequências do Tribunal, as linhas elementares da história, «Anatomia de um crime» deve justificar pelo sucesso comercial o alvoroço de certa crítica menos esclarecida ou mais desonesta. Preminger sabe rodear se de elementos que quase sempre conduzem ao êxito. Certa dose de escândalo, um desprezo por preocupações mais generosas e menos rendosas, um estilo sólido e paternal de quem sabe muito bem aquilo que pretende, ausência de profundidade, um humor ligeiramente cabotino tal como convém, e, sobretudo, o tão saboroso prato da arena onde os advogados fingem degladiar-se como galos de raça. Uma vez a coisa acabada, com pequenas contas por saldar, embora sem muito estrago, toda a gente esfrega as mãos e ri, sibilina e satisfeita.

o senhor Preminger também pode estar satisfeito. Não feriu ninguém, nada lhe pesa na consciência (aquilo do bidon do lixo é só formal: mais bidon, menos bidon, que importância tem?) e o que é preciso é que a fita renda. E é que rende, mesmo...

Candeias Nunes

Prémio ABC

(Continuação da 3.ª Página)

- *Clubismo* (objectivos, orgânica, problemas, actualização, etc.);

2.º — *Ensaio sobre um tema cinematográfico* (de ordem estética, técnica, histórica, económica ou sociológica; sobre um realizador, uma corrente, uma cinematografia, etc.);

3.º — *Estudo de um filme exibido em Portugal*, mas que tenha sido estreado, ou reestreado, depois de 1955.

III — A Prova

A prova deverá ser dactilografada a dois espaços, com original e duas cópias, devendo cada um dos três exemplares ser iniciado com uma folha onde constem as seguintes indicações:

— PRÉMIO ABC-1960

-- Tema a que se concorre

— Pseudónimo

— Data

Deverá ser indicado no final da prova a rubrica BIBLIOGRAFIA, com indicação dos textos consultados.

Juntar um sobrescrito fechado, com o pseudónimo do concorrente no exterior, e contendo dentro o seu nome completo, morada, número de sócio e Cine-Clube em que está inscrito.

IV — Prazos

Os trabalhos deverão ser remetidos para a sede do ABC Cine-Clube de Lisboa, Rua do Conde de Redondo, n.º 20-5.º Dto., até ao dia 15 de Dezembro de 1960.

Os resultados serão tornados públicos no prazo de 15 dias a contar daquela data, sendo os premiados informados por escrito.

V — Júri

Ao Júri, cuja constituição será em breve anunciada, é reservado o direito de não atribuir qualquer dos prémios, obrigando-se, todavia, a tornar públicas as razões porque o fez.

Das suas decisões não haverá recurso.

VI — Prémios

Os prémios, três para cada alínea, serão constituídos por livros de cinema, cujos títulos serão oportunamente indicados.

Poderão ainda, eventualmente, ser concedidas menções honrosas, desde que o nível dos trabalhos seja de molde a justificá-lo.

Dar-se-á aos concorrentes premiados a possibilidade de, desde que o justificarem, optarem por outro livro, ou livros, de valor correspondente.

VII — Observações

As provas apresentadas a concurso serão pertença exclusiva do ABC Cine-Clube de Lisboa, reservando-se a Direcção o direito de autorizar a sua publicação, no todo ou em parte, mas sempre com a indicação de trabalho apresentado a concurso.

Os casos omissos deste regulamento serão de resolução do Júri e da Direcção do ABC.

O CINE-CLUBE OLHANENSE responde ao nosso inquérito

(Continuação da 3.ª página)

til e graciosamente, não só a aparelhagem, mas também os respectivos projecionistas.

Sessões recomendadas

Suspendemo, temporariamente, as sessões recomendadas.

Palestras e colóquios

As palestras e colóquios, quanto a nós, são indispensáveis quando orientadas num sentido esclarecedor, não só nos múltiplos aspectos da arte de fazer cinema, mas, implicitamente e essencialmente, no valor que essa arte nos possa trazer à nossa valorização humana. O valor de um filme reside, essencialmente, na natureza da sua «alma». Saber dissecar essa «alma» posta artisticamente à nossa memória visual, e consequentemente à nossa inteligência, é fruto de muito estudo e experiência, que a maior parte não se apercebe por não estar preparada. Ora uma das finalidades das palestras e colóquios é precisamente essa: os mais esclarecidos chamarem a atenção dos menos esclarecidos para determinados pormenores ou factos de um determinado filme. Deste modo vai-se, lentamente, processando o gosto pelo bom cinema, pelo verdadeiro cinema, pela aprendizagem gradual e o discernimento do bom e do mau, a que certas revistas da especialidade com carácter sério muito auxiliam nessa aprendizagem. Como vê as palestras e os colóquios, sendo veículos de aprendizagem em todos os ramos de cultura, também o são, necessariamente, na cultura cinematográfica.

(Conclui no próximo número)

peixe bebe água

e o homem bebe...

Fine Brandy

DELAFORCE

O MAIS SUAVE

O «Notícias do Algarve» vende-se na Livraria CAPELA, em Olhão.

ALFAIATARIA RAMOS

DE FRANCISCO RAMOS

TECIDOS CONFECÇÕES = OBRA CLÁSSICA e de SPORT FARDAS PARA A COMUNHÃO CRISTÃ

CONSULTE O FIGURINO ESPECIAL

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA, SOBEJAMENTE COMPROVADA PELA SUA CLIENTELA

EXPERIMENTE E SERÁ CLIENTE PARA SEMPRE

Largo S. João de Deus - ex. Largo da Canela, n.º 8 — OLHÃO

limpo com Vim, brilha como novo!

Vim torna fáceis todas as limpezas! É tão simples! Um pouco de Vim num pano húmido, esfrega-se e... pronto! Os alumínio, o fogão e o lava-loiça brilham de asseio, dando luz e alegria à sua cozinha. Faça também com Vim a limpeza da casa de banho. Que brilho! Que asseio! A banheira, o lavatório, os azulejos e todas as seuperfícies polidas reflectem a claridade da higiene perfeita.

Use Vim! Vim dá a tudo brilho novo, o brilho do perfeito asseio.

Vim limpa e faz brilhar tudo no seu lar

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVENT

DESPORTOS

LUSITANO, 1 - JUVENTUDE, 0

Campeonato Nacional da II Divisão RELANCE DA JORNADA

Realizou-se no passado domingo a 8.ª Jornada do Nacional da 2.ª divisão em que tomaram parte quatro equipas algarvias e cujos resultados foram os seguintes:

Beja, 3 — Olhanense, 1
Farense, 2 — Montijo, 0
Olivais, 4 — Portimonense, 0
Lusitano, 1 — Juventude, 0

E mais uma vez a tradição manteve-se, pois há várias épocas que o Olhanense não consegue vencer em Beja.

O Olhanense perdeu pela primeira vez esta época e essa derrota originou a sua descida para o segundo posto da tabela, dando assim início a um despique entre o Farense, o Olhanense e o V. de Setubal. Este, aproxima-se e não tardará muito para que se encontre entre os dois primeiros lugares.

Os Olhanenses foram surpreendidos logo de início e aos cinco minutos já os Bejenses venciam pela diferença de duas bolas. Mesmo assim, os algarvios podiam ter chegado ao empate, pois além de uma grande penalidade

falhada ainda houve várias oportunidades de golo, que não chegaram a realizar por falta de sorte.

No segundo tempo os alentejanos defenderam-se bem e souberam aguentar o resultado.

Em Faro, os locais, sem terem atingido bom plano, venceram um grupo que deu boa réplica e soube dificultar a má actuação dos avançados algarvios.

O Farense, sendo sempre superior, mereceu a vitória.

O Portimonense foi derrotado em Olivais. Os Olivaienses estão a melhorar pouco a pouco e conseguiram um bom resultado.

O Portimonense, que decaiu de jornada para jornada, tem já poucas aspirações aos primeiros lugares.

Finalmente, o Lusitano, no seu meio, venceu merecidamente o Juventude, numa boa partida em que, apenas nos últimos momentos, se encontrou o vencedor.

O Lusitano venceu pela primeira vez nesta época e com uma equipa que está

fugindo aos últimos lugares.

* * *

Disputa-se hoje a 9.ª jornada, com os seguintes encontros.

Lusitano-Estoril
Olhanense-Montijo
V. Setubal-Farense
Juventude-Portimonense

O Lusitano, no seu campo, embora com algumas dificuldades, deverá vencer.

Em Olhão, o grupo local deve vencer, apesar de as duas últimas jornadas não terem sido felizes e manter as suas aspirações ao primeiro posto.

O Farense desloca-se a Setubal e terá tarefa muito difícil. Prevê-se uma partida bastante equilibrada e prognosticamos um empate.

Finalmente, o Portimonense em Évora deve vencer, embora com certas dificuldades, pois os Eborenses tudo farão para fugirem ao último lugar onde se encontram agora.

CAMPEONATO DISTRIAL DE JUNIORES

Resultados dos jogos do passado domingo:

Farense, 3 — Portimonense, 0
Olhanense, 3 — S. L. e Faro, 0

Marcou-se para hoje, dia 20, o seguinte jogo:

S. L. e Faro — Farense

A Direcção da A. F. F., em sua reunião de 15 do corrente, tomou conhecimento de que o Silves F. C., alegando motivos imperiosos, comunicou que desistia da prova.

UMA VITÓRIA ARRANCADA A FERROS

Jogo no campo «Francisco G. Socorro», em Vila Real de Santo António.

Árbitro: João Banheiro, de Lisboa.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Parra e Gonçalves; Padesca e Tavares; Torres, Jaruga, José Vicente, Rodolfo e Ramires.

JUVENTUDE — Cambraia; Canhão, Charneca e Fanico; Abegoaria e Ornelas; Polívio, Cascalho, Viegas, Caraça e Caeiro.

A turma eborense foi a primeira a avizinhar-se das balizas antagonistas. Contudo, a partir dessa investida, os donos da «casa» atiraram-se para a ofensiva criando múltiplas jogadas de perigo frente ao reduto de Cambraia.

Por duas vezes estiveram à beira do início da contagem, que os defesas alentejanos impediram, sobre o risco de baliza, já com o guarda-redes batido.

No entanto, contra a corrente do jogo, iam os ebo-

renses surpreendendo Martinez, só não o conseguindo por o remate de Cascalho, à boca das redes, ter saído muito alto.

A partir de então os visitantes cerraram ainda mais a sua zona defensiva e os locais, formando um bloco homogêneo, empreenderam consecutivas ofensivas na procura do golo, a que já havia muito tinham já. Mas os seus avançados não o faziam da melhor maneira, procurando levar a bola até à baliza contrária em passes curtos, da qual

XXIV "VOLTA A POTUGAL" EM BICICLETA

A vigésima quarta «Volta a Portugal» em bicicleta será, no próximo ano, organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo. Aquele organismo estabeleceu já que a Volta-61 tenha início na primeira semana do mês de Agosto.

BASQUETEBOL

Terceira Jornada do "Torneio Abertura"

Ginásio Clube Olhanense, 40
Clube Desp. «Os Olhanenses», 25

Ginásio Clube Olhanense: Lázaro (5), Franco, Miguel, Amaro (7), Pinto (15) Oscar, Bento (10), Humberto, Benzinho (5) e J. Vieira.

Clube Desportivo «Os Olhanenses»: E. Relvas (2), Santos (2), Hernâni (4), Ferro (6), D. Relvas, Evangelista (7), Pego, Leal (2), Chiquito, Jerónimo e Ramos Sanchinho.

Perante reduzida assistência, efectuou-se na passada terça-fei-

ra, mais uma jornada do Torneio «Abertura».

No único encontro da noite defrontaram-se os velhos rivais Ginásio e «Os Olhanenses». Jogo bem disputado principalmente no segundo tempo. O Ginásio, que comandou quase sempre a partida, saiu vencedor por uma diferença de 17 pontos, demonstrando ser em todos os capítulos do jogo, equipa superior ao adversário.

Nos «Os Olhanenses» salientaram-se Santos e Evangelista. É de registar o magnífico exemplo de desportivismo que Evangelista deu aos seus colegas. Enquanto os seus companheiros discutiam por tudo e por nada e só procuravam o barulho e a confusão, aquele atleta, manteve-se inalterável do princípio ao fim do jogo demonstrando, deste modo, ser um excelente desportista. Que sirva de exemplo a maneira correcta e briosa como Evangelista soube lutar, jamais utilizando processos menos lícitos para se opor ao maior valor patenteado pelo adversário.

No Ginásio distinguiram-se Amaro e Pinto. Este jogador realizou uma excelente partida demonstrando, mais uma vez, a sua real categoria, Amaro, também jogou muito bem, embora falhasse muitos lançamentos.

Foi árbitro do encontro o sr. Adanjo. Não vimos há muito tempo este senhor actuar e, francamente, não preferimos voltar a vê-lo, tão mal se comportou neste encontro.

TORNEIO DISTRIAL DE BASQUETEBOL

Principiou no domingo mais um torneio distrial. Realizaram-se os seguintes encontros:

Farense, 44
«Os Bonjoanenses», 47
S. C. Olhanense, 24
C. D. «Os Olhanenses», 37

Não se efectuou o encontro Ginásio — Portimonense por não ter comparecido este último clube.

Como nota saliente da jornada a derrota que o Farense sofreu perante «Os Bonjoanenses». Há a registar no jogo Olhanense — «Os Olhanenses» as expulsões de Filipe e Evaristo, facto que não se registava há muito tempo no basquetebol algarvio.

Hoje disputam-se os seguintes encontros:

Ginásio — «Os Olhanenses» (1.º team e reservas); Portimonense — Farense e «Os Bonjoanenses» — S. C. Olhanense.

Os jogos realizam-se no campo dos clubes indicados em primeiro lugar e principiam às 11 horas, excepto o encontro Ginásio — «Os Olhanenses» que começa às 10.

beneficiava a defesa contrária acantonada no seu meio campo.

Ao aproximar-se a meia hora os locais abrandaram um pouco e assistiu-se a um equilíbrio territorial que duraria até ao intervalo.

Começado o segundo tempo, o Lusitano mostrou-se desejoso de fazer funcionar o marcador. De tal maneira se houve, que a área do Juventude, agora com sete elementos na defesa, esteve bastante sobrecarregada, com as redes correndo perigo eminente.

De uma maneira geral, foram os visitados que neste tempo complementar do encontro estiveram em ascendência, não só na concepção de lances, como no número de ocasiões que desfrutaram frente à baliza do adversário.

Só no período que se seguiu ao primeiro quarto de hora o Juventude se mostrou mais empreendedor. Mas a verdade é que o Lusitano se abeirou bastas vezes das redes de Cambraia, como resultado do domínio dos seus médios, a meio campo, impulsionando com insistência os companheiros da frente. A vitória ficou, pois, bem entregue, embora aparecesse quando já não se acreditava nela — a um minuto do final. Mas podia ter sido mais expressiva, apesar de os visitantes merecerem um golo, como prémio do seu labor e, em especial, de lutarem até final, com galhardia e correcção, por um desfecho que satisfizesse os seus anseios.

Na equipa vencedora Gonçalves, Padesca, José Pedro e José Vicente distinguiram-se, o mesmo sucedendo aos eborenses Ornelas, em grande plano, Viegas e Canhão.

Arbitragem caseira.

M. Vicente

TORNEIO DISTRIAL DE RESERVAS

Resultado do jogo efectuado no dia 12:

Farense, 2 — Lusitano, 0

Marcou-se para ontem, dia 19, o seguinte jogo:

Lusitano — Olhanense

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
FARENSE	8	7	—	1	17-6	14
OLHANENSE	8	6	1	1	27-5	13
V. Setubal	8	5	2	1	21-8	12
Oriental	8	5	1	2	13-5	11
Alhandra	8	5	1	2	20-13	11
S. L. Olivais	8	4	1	3	16-9	9
PORTIMONENSE	8	3	2	3	8-11	8
Estoril	8	2	2	4	10-14	6
Montijo	8	2	2	4	10-16	6
D. de Beja	8	3	—	5	9-17	6
LUSITANO	8	1	3	4	6-13	5
U. de Montemor	8	2	—	6	14-23	4
Sacavenense	8	1	2	5	6-23	4
Juventude	8	1	1	6	4-17	3

Jogos para hoje: LUSITANO-Estoril; Alhandra-Beja; Sacavenense-Oriental; OLHANENSE-Montijo; V. Setubal-FARENSE; Montemor-Olivais; Juventude-PORTIMONENSE.



Saborear é viver...

A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um! É um gosto! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.



Planta a gordura das pessoas de bom gosto

Contra cansaço e abatimento:

Cafiaspicina® os comprimidos garantidos pela BAYER

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Uma Conferência do Jornalista DR. J. MIMOSO BARRETO

(Conclusão da 1.ª página)

escrito sobre temas históricos e literários e a sua colaboração na Imprensa da Capital e do Algarve, circunstâncias que fizeram prever um êxito para a conferência. Palavras que a assistência premiou com uma prolongada salva de palmas.

Dada a palavra ao orador da noite, o dr. Mimoso Barreto principiou o seu trabalho analisando a evolução do conceito geográfico da Índia, desde os tempos mais recuados até aos nossos dias, para provar que, na época do Infante D. Henrique havia em Portugal conhecimento da localização da Índia própria.

Seguidamente, apreciou a importância que os contactos religiosos, diplomáticos e comerciais com o Médio e com o Extremo Oriente tiveram até aos princípios do século XV.

Enumerou os planos ocidentais e mongólicos que arruinou o poderio comercial do Dama e que anulou a sua ameaça à civilização ocidental.

Acentuou que, até ao princípio do século XV todas as relações entre a Europa e a Índia foram estabelecidas.

Passando a examinar as causas que levaram a Europa a procurar uma segunda via de ligação com o Oriente, demonstrou que foi o Infante D. Henrique quem elaborou o primeiro plano válido para o estabelecimento de uma única via de comunicação com a Índia.

Referiu-se a respeito de África nos tempos pré-henriquinos para acentuar que é indiscutível a prioridade das navegações portuguesas a partir do Cabo Bojador.

Depois de acentuar a importância da influência psicológica que a conquista de Ceuta exerceu no espírito de D. Henrique, criticou a enu-

meração que Zurara faz dos objectivos do Príncipe, demonstrando que eles se encontram incompletamente enumerados no Capítulo VII da Crónica de Guiné.

Prosseguindo, transcreveu textos de bulas, de crónicas, de documentos régios e outros probatórios de que o Infante D. Henrique é o verdadeiro arquitecto do plano das Índias, filiando-se, portanto, na corrente de que fazem parte, entre outros investigadores, Joaquim Bensaúde, Carlos Coimbra, Burley e Fernandes Lopes.

No final, o conferencista convidou o dr. Fernandes Lopes a comentar as conclusões do seu trabalho. Este felicitou o autor da conferência, sugerindo-lhe que a publicasse, pois ela contém novidades.

O Presidente da Câmara exprimiou ao dr. J. Mimoso Barreto o prazer que o auditório teve ouvindo a conferência e convidou o seu autor a voltar à cidade de Tavira para apresentar novo trabalho.

O sr. Comandante Moreira de Campos foi galardoado com o Prémio "Infante D. Henrique"

No âmbito das Comemorações Henriquinas, acaba de ser galardoado com o prémio "Infante D. Henrique", instituído pelo Ministério da Marinha e destinado ao melhor trabalho sobre o propulsor das Navegações e da Expansão Portuguesa no Mundo, escrito por um oficial da Armada, o sr. comandante Moreira de Campos, a quem vivamente felicitamos.

O ilustre oficial marinheiro, cujo livro "O Infante D. Henrique e os Descobrimentos dos Portugueses" lhe deu tão invejável prémio, recebeu-o em 18 do corrente, no Instituto Superior Naval de Guerra.

UM LAGOSTEIRO CONGELADOR

(Conclusão da 1.ª página)

ça profundamente os trabalhos a efectuar, o que obriga, conseqüentemente, a uma séria aprendizagem.

Dois técnicos, um de refrigeração e outro de embalagem em plástico, embarcaram, na primeira viagem, com vista a ensinar e aconselhar a tripulação nestas duas actividades especializadas. Os ensinamentos assim colhidos parece terem sido positivos, esperando-se que a segunda campanha produza cerca de 25 toneladas.

A pesca da lagosta é praticada com artes de arrastar. Os crustáceos, uma vez a bordo, são imediatamente preparados e congelados. Decepados, metidos em caixas de plástico onde se faz o vácuo e sujeitos a congelação rápida, são imediatamente armazenados.

O processo de congelação verifica-se em dois túneis com capacidade para congelar três toneladas de caudas de lagosta em cada 24 horas, a uma temperatura de 43 graus centígrados abaixo de zero. Assim que alcançam a saída dos túneis, os crustáceos são acondicionados numa câmara frigorífica que os mantém a 25 graus centígrados negativos. Esta câmara tem capacidade para armazenar 25 toneladas de caudas e a potência frigorífica necessária para todas as referidas operações anda por 100.000 frig. h.

A colocação das caudas de lagosta dentro de embalagens de plástico antes da supercongelação, permite evitar uma perda de peso da ordem dos 8%. Se for tido em conta o preço da lagosta, a importância das toneladas em jogo, a prática da congelação, seguida de venda directa, regista-se uma apreciável melhoria nos preços de consumo. O preço do quilo de lagosta poderá assim equivaler ao do da carne para bife. Facilmente se deduz que os benefícios são substanciais.

Os resultados conseguidos pelo armador do «Françoise-Christine» levaram-no à construção dum outro navio, o «Charlston», ligeiramente maior (33 metros em vez de 30). Quando os dois barcos

se encontrarem em serviço, deverão assegurar, no decurso das suas quatro campanhas anuais, entre 200 e 250 toneladas de lagostas congeladas, o que corresponde a quase 500 toneladas de lagostas vivas.

O «Charlston» e o «Françoise-Christine», serão também equi-

VARANDA SOBRE O ESPAÇO

(Conclusão da 1.ª página)

«Amadores de Música», e coroa, assim, as solicitações de auxílio que tiveram o valioso patrocínio do Grupo Pró-Évora.

Quantos e quantos exemplos se oferecem aos algarvios «com pés chumbados na terra», por esse país fora! Que falta para que possam seguir destes e doutros dignificantes exemplos de perseverança e espírito de trabalho e de sacrifício? Ao fim e ao cabo, há sempre uma Fundação com qualquer nome (agora, foi a Gulbenkian) que vem, de forma realista, ajudar as obras boas!

Teatro Experimental

Não há espanto que resista ao que acabo de saber! É sobre teatro. Teatro Experimental. Não se trata do já conhecidíssimo e afamado agrupamento do Porto, Teatro Experimental, que o grande artista António Pedro criou e orienta. Esse, tudo o que tem feito traz o selo da perfeição. É um outro, o agrupamento experimental de teatro a que me refiro, aqui, o Teatro Experimental da Casa do Povo de Saboia.

Sim, senhores, de Saboia, ali para as abas da serra algarvia! Pois a notícia é sumamente agradável! É que a província portuguesa está tão alheia a espectáculos culturais, que o saber-se da criação deste Teatro Experimental numa pequena vila serrana, tem foros de sensacional! E ainda bem que Saboia vem abrir caminho para uma bela iniciativa

pados com maquinaria especial, que permitirá desenvolver uma importante actividade suplementar. Consiste esta no aproveitamento das cabeças das lagostas até agora desperdiçadas e que poderão ser utilizadas na confecção de purés.

(De: «Puntal», n.º 77)

ao alcance de todas as localidades! Pelo menos, das localidades com o valor e poder de Saboia — a vila encravada nas faldas da serra algarvia.

Por que não, também, experiências de grupos de Teatro no Algarve? Há Casas do Povo e Casas dos Pescadores que poderiam encabeçar tais iniciativas. Mãos à obra, senhores?

Impopularidade

Segundo os jornais diários, em La Paz, capital de Bolívia, o embaixador americano Sr. Carl Strom foi bravamente apupado na Universidade de Cochabamba, onde dava uma conferência.

Quando, no final, abandonou o edifício, a multidão apedrejou o seu automóvel.

Não concordo com actos que revelem violência. Sou, por indole, pacífico. Por isso, está no meu espírito, automaticamente, a lógica condenação a tal acto. Mas, ao mesmo tempo, faz-me pensar na tristeza que isso revela. Muito por baixo andam as «acções» norte-americanas na banda Sul da América, para que isso se possa verificar! O que terá originado tal quebra nas «acções», não sabemos. Mas é preciso que haja, realmente, fortes motivos de antipatia, para que tal se verifique. A impopularidade norte-americana, nos países do mesmo continente, parece estender-se, como gordurosa nódoa em branco lençol.

António da Costa

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

Novo edifício da Lota na Fuseta

(Conclusão da 1.ª página)

instalações do Serviço de Venda da Junta Central das Casas dos Pescadores, onde foi descerrado por um pescador um retrato do sr. Comodoro Henrique Tenreiro, seguido dum breve discurso alusivo ao acto, pelo sr. António Camilo Pinto da Costa, chefe dos Serviços de Venda da Junta Central.

Depois destas inaugurações, exibiu-se dentro do edifício, o rancho folclórico de Quarteira, composto por garotos, que executaram algumas danças regionais, sendo muito aplaudidos pela multidão que enchia por completo o edifício inaugurado. Também se exibiu com muito agrado, o grupo coral misto da Casa dos Pescadores de Tavira, composto por alunos da Casa de Trabalho e alunos da Escola de Pesca de Tavira.

Estas inaugurações coincidiram com as festas da Nossa Senhora do Carmo, padroeira da Fuseta, que levaram àquela povoação grande número de forasteiros.

M. João

PORTO
RAINHA
SANTA

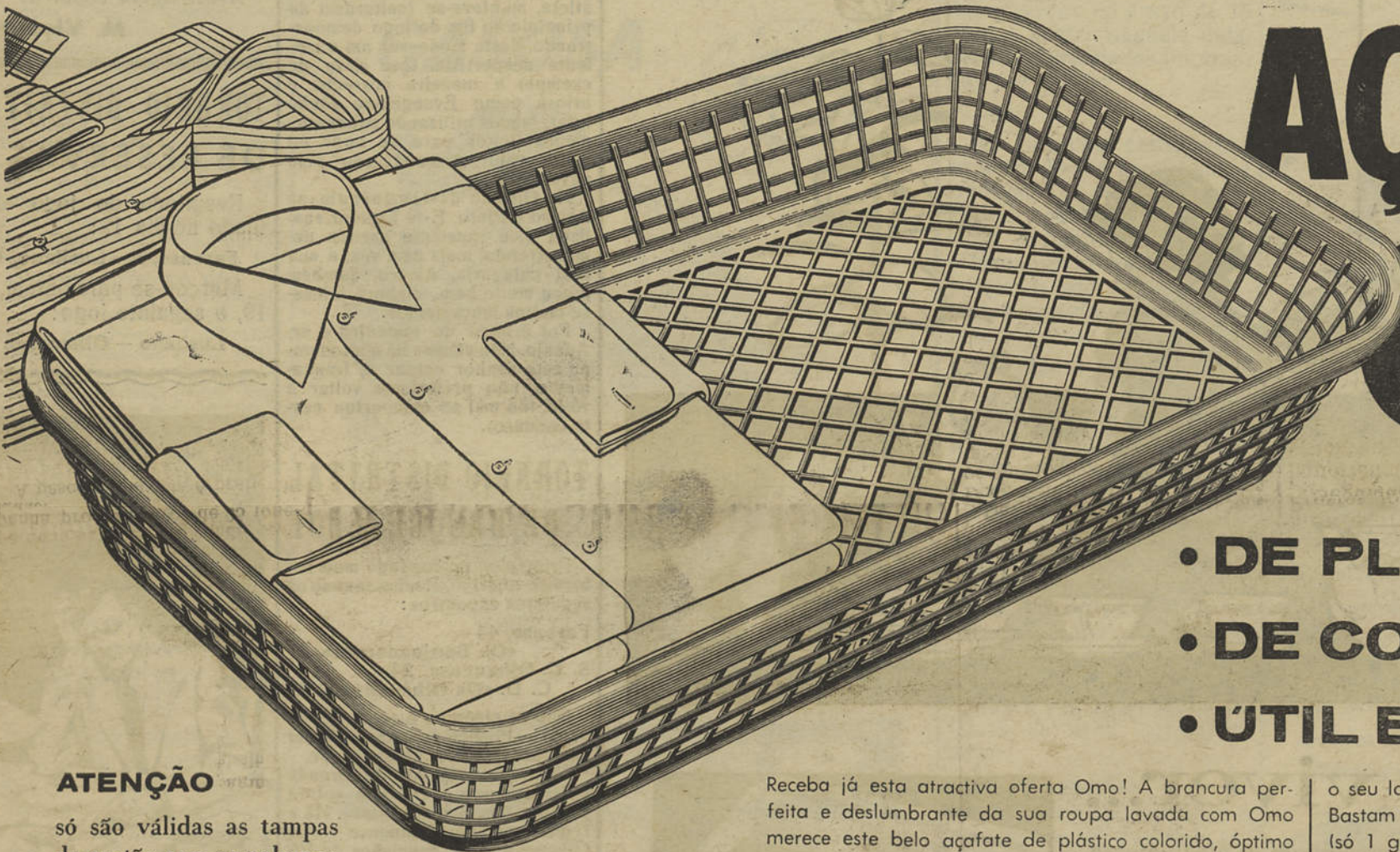
ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINHO
& C.ª



VILA NOVA DE GAIA

agora para a sua roupa



AÇAFATE OMO

- DE PLÁSTICO
- DE CORES ALEGRES
- ÚTIL E AMPLO

ATENÇÃO

só são válidas as tampas de cartão com as palavras «para abrir carregue aqui»



Receba já esta atractiva oferta Omo! A brancura perfeita e deslumbrante da sua roupa lavada com Omo merece este belo açafate de plástico colorido, óptimo para arrumar a sua roupa passada a ferro. Enriqueça

o seu lar com este utilíssimo açafate, amplo e cómodo. Bastam 19\$50 e apenas 3 tampas grandes de Omo (só 1 gigante ou 6 das normais). Não perca tempo! O seu açafate Omo espera por si!

Apenas 19\$50 e 3 tampas grandes de OMO (1 gigante ou então, 6 normais)

OMO lava mais branco